

## MÁRIO DE ANDRADE — APONTAMENTOS.

*Maurício Loureiro Gama (\*)*

Um dia, faz muitos dias, era mês de novembro, eu ia passando pelo Viaduto do Chá e um amigo me apontou para um homem no meio da multidão.

— Sabe quem é aquele um? É o cronista Mário de Andrade, professor do Conservatório Dramático e Musical, que escreve todas as semanas no *Diário Nacional*, órgão oficial do Partido democrático...

E vi o pai de Macunaima pela primeira vez: um sujeito alto, forte, uma calvice bem pronunciada, nem branco, nem preto, antes moreno — uma expressão antropológica da morenidade de que nos falou faz algum tempo Gilberto Freyre, o sociólogo de Apipucos.

Em 1932, quando São Paulo aceitou o desafio totalitário da ditadura de Vargas e abriu trincheiras constitucionalistas af pelos vários cantos e recantos de Piratininga, cabei sentando praça no Exército Constitucionalista por obra, graça e sortilégios instigantes de uma crônica de Mário de Andrade, em que ele todo se envolvia ao som marcial de *Paris Belfort* e kodiacava o São Paulo macho em ritmo de marcha...

Em 1934 (quando surgiu o Departamento de Cultura, idealizado por Mário de Andrade, Paulo Duarte, Sérgio Milliet, Rubens Borba de Moraes e outros) fui conhecer pessoalmente o escritor que crescera muito em minha estima intelectual depois do "riffifi" com Monteiro

---

\* As cartas aqui publicadas foram doadas ao IEB pelo jornalista contemporâneo de Mário de Andrade, Maurício Loureiro Gama, através de sua neta Luciana Gama.

Lobato. Lobato caíra de pau em Anita Malfatti e Mário, saindo em defesa da modernice pioneira da autora de *O homem amarelo*, ficou logo um gigante. Tomei partido ao lado do vanguardismo de Mário de Andrade e contra o ranço passadista de Monteiro Lobato.

Particpei de um concurso para quarto escriturário do Departamento de Cultura e com isso fiz jus a ganhar honradamente 400 mil réis por mês e despachar todas as tardes com o poeta de *Remate de Males*. Foi bom, valeu como um curso universitário livre...

Logo em seguida ao golpe autoritário de 10 de novembro de 1937, a reação se organizou bem para extirpar Mário de Andrade do Departamento de Cultura. Na tarde melancólica em que foi exonerado, fiz questão de acompanhá-lo, solidário.

— Volte, menino, volte já para o Departamento, você vai acabar perdendo a colocação — ordenou, enquanto caminhávamos tristes pelas calçadonas do Mappin, formigantes de gente.

— Volte, menino, é a minha última ordem... Me faça o favor...

Não obedeci e continuei caminhando ao lado de Mário de Andrade, subimos a rua Marconi, viramos a 7 de Abril (à direita) e passamos pelos *Diários Associados*, onde eu trabalhava. Mário apanhou um pacote de laudas, bateu um papinho na redação com Geraldo Ferraz, Miguel Macedo, Margarida Izaí, Nabor Cayre de Brito e Rubem Braga. E escreveu num jato, ou num átimo, como diria ele, um ensaio notável sobre o mais recente filme de Walt Disney, revolução no campo dos chamados desenhos animados. Ensaio que acabou não sendo editado pelos *Diários Associados*, por culpa de um secretário insensível, o qual ia provocar sério incidente entre mim e Assis Chateaubriand.

Ora, se deu que o velho Chateau iria inaugurar no "hall" da Rádio Tupi uns painéis de Cândido Portinari e me solicitou que elaborasse uma relação o quanto possível completa de intelectuais e artistas que deveriam ser convidados. Fiz a tal lista e nela figurou em primeiríssimo lugar Mário de Andrade, que se tornara também lúcido crítico de artes plásticas.

Assim que Assis Chateaubriand examinou a lista mandou me chamar. Ouvi dele áspera interpelação:

— Como é que o senhor tem a ousadia de convidar esse mulato safado para a festa dos painéis de Portinari? Não sabe que ele deixou de escrever nos *Diários Associados* e hoje anda de beijos e abraços com o Octaviano Alves de Lima, na folha?

Eu estava bem por dentro da história e logo redargüi:

— O senhor sabe por que Mário de Andrade deixou as colunas "associadas" e lá se foi para a "folha"?

Contei o episódio dos ensaios sobre *Fantasia* e a justa revolta de Mário. Chateaubriand pacientemente ouviu a minha desculpa correta, e se arrependeu:

— Se eu tivesse sabido desse episódio à época, teria demitido sumariamente esse secretário do jornal, imbecil, insensível, negligente...

E ordenou:

— O senhor está autorizado a convidar Mário de Andrade para a festa dos painéis, peça-lhe desculpas em meu nome e o convide para voltar às colunas de *O Jornal*, no Rio, e do "Diário de São Paulo"...

Contei o caso miudamente para Mário (omitindo, claro, as injúrias iradas de Chateaubriand). Mário de Andrade, com aquela bonomia que era um traço típico de seu caráter:

— Diga ao Chateaubriand que aceito o pedido de desculpas e lá estarei no "hall" da Tupi para rever algumas das obras-primas do Candinho Portinari...

Trabalhei com Mário dois anos e tanto e tornamo-nos amigos, inclusive com fraterna troca de cartas.

Numa delas lhe pedi que proferisse uma conferência patrocinada pela revista *Roteiro*. Num bilhete escrito às pressas, com lápis vermelho, me mandou do Rio este recado:

— Maurício, o tempo não está para conferências, a censura policialesca do Estado Novo anda aí, de tesoura em punho...

E prá consolar o amigo:

— Conferência, por enquanto não, desculpe, eu não poderia fazer razoáveis exercícios de liberdade. Mas vou lhe mandar um continho que é uma delícia, vai gostar. O conto é bom, como temática e estilo. Só falta escrever o danado, deixá-lo tinindo e mandá-lo pros amigos de São Paulo...

— Se eu conheci bem Mário de Andrade?

Ah, meu Deus, se disser que não estarei mentindo, mas se disser que sim estarei sendo pouco humilde diante da grandeza do poeta que se retratava no famoso verso: "Eu sou trezentos, trezentos e cinquenta..."

Como conhecer bem um ser humano da complexidade riquíssima de Mário Raul de Moraes Andrade, enigma de uma vida inteira?

(Ninguém chega a ser um nesta cidade. E Mário foi uma porção de Mários macunaimicamente embutidos na gesta de sua obra imortal).

Dele me ficaram alguns livros autografados ternamente, uma dedicatória a mim e a Fernando Góes em *Os filhos da Candinha* e estas três cartas que aqui estão.

Rio, 5-IX-39.

Maurício, meu caro, faz alguns dias mandei uma carta pro Goes que também era pra você ler, em que eu dava umas explicações acerca da minha atitude crítica. Não tenho tempo pra escrever muito hoje, mas não quero passar mais dias sem lhe dar um agradecimento pelo artigo em que se referiu a mim com a delicadeza de sempre. O caso Portinari é muito mais simples ou complicado que você pensa, e talvez até do que o Luís Martins pensa. E é tão longo de explicar tudo... É possível que o Luís Martins estivesse malinformado, mas há uma verdadeira leviandade moral nele ter afirmado coisas de que não podia ter certeza. Antes de mais nada: a atuação do Portinari, no caso, foi apenas ao receber a notificação do Ministério de que devia mandar fotos pro tal americano lembrar a quem de direito que seria interessante mandar de outros pintores também, e lembrou os de S. Paulo. Perguntado se tinha endereços, deu os endereços que tinha e apenas. E não mais se amolou com a coisa, na mais inocente das pazes, pois tem mais o que fazer. É infame estarem agora culpando ele de culpas que nem sequer era possível pressupor.

Quanto ao caso do Portinari-tabu é muito delicado. É uma injustiça grave estarem dizendo que ele é pintor oficial, quando das muitas encomendas oficiais que se fazem aqui, só lhe coube a decoração do M. da Educação (e os outros Ministérios?... ) e mais, por exigência dos arquitetos, os três painéis pra Nova York, creio que pelo Ministério do Trabalho. E o resto? E a compra constante de quadros feita pelo Museu de Belas Artes, e onde ninguém pensa no Portinari? Mas infelizmente o Luís Martins, ótima pessoa, não discuto mas casado com uma das pessoas que mais quero bem, também tem o seu tabu, que é justamente Tarsila. É um caso lastimável porque ele a está pondo no ridículo, a bater caixa pra esposa, sem a menor discricção nem elegância intelectual. Ora o caso é delicadíssimo, porque se Tarsila teve o seu momento interessantíssimo, não é possível sequer pensar em pô-la no mesmo nível de Portinari, seria até ridículo isto. Quanto ao Portinari-tabu a alusão era visível a mim, e eu só tenho a dizer uma coisa: é que considero Portinari, como considero o Villa e como considero o Lins do Rêgo, figuras simplesmente geniais. Inda faz pouco, escrevia a

outro amigo sobre isto. Com o Portinari me dou intimamente, com o Lins do Rêgo tenho relações de boa camaradagem que apenas se manifestam quando me encontro por acaso com ele; e quanto ao Villa fujo dele como o diabo da cruz porque é péssima pessoa. E no entanto trato os três com o mesmo respeito, a mesma admiração. Cada coisa que fazem procuro entender e na realidade imagino entender mesmo e explico. Os defeitos neles como em geral nos gênios, não são exatamente defeitos, são qualidades características. Evidentemente que o Lins do Rêgo tem muito mais defeitos que o Ciro dos Anjos que é um ótimo artista, mas os defeitos do Lins caracterizam a obra dele, como os de Balzac ou de Dickens caracterizam a obra desses batutíssimos, ao passo que os defeitos de um Ciro dos Anjos são precariedades são defeitos mesmo, como os de Aldous Huxley. Você me compreende? Não existe apenas uma desenvolta atitude de liberdade intelectual, que acabaria pela ridícula pretensão de liberdade, por acentuar os defeitos dos grandes, em vez de os compreender e explicar e caracterizar. Existe alguma coisa acima disso e que existe de-fato na Europa, nos grandes países de cultura organizada, e que é justamente essa espécie de dependência, derivada de maior cultura, pela qual os grandes criadores são estudados e explicados em todas as suas modalidades características. É uma espécie de atitude moral de cultura. Você repare que coisa absurdamente ridícula seria chamar de defeito a fraqueza de rimas de um Antonio Nobre, que é um gênio. Não existe fraqueza de rima em Antonio Nobre, simplesmente porque entre as características da sua genialidade estava justamente o caráter improvisatório dos seus versos, e disto, deste caráter deriva a fraqueza de rimas, que não é defeito mas uma das caracterizações do gênio impulsivo e improvisatório dele. Ao passo que a fraqueza de rima de um, mesmo de um Gonçalves Dias é um defeito e apenas um defeito ainda mais num Bilac. Me diga uma coisa, meu querido Maurício, falando com toda a franqueza. Eu sei que você me quer muito bem e me admira um bocado excessivamente. É lindo isso em você, corresponde à generosidade de você e a essa precisão real que todos temos, principalmente os moços como você, de admirar com veemência. De maneira que pra você eu sou atualmente uma das primeiras figuras da literatura brasileira, não é isso? Pois bem: não é verdade que diante de qualquer obra minha, de qualquer atitude minha, de qualquer tentativa minha, mesmo quando você não a compreende imediatamente, não é verdade que você analisa imediatamente a coisa, procura entender *para explicá-la*? E pra com ela caracterizar ainda mais a minha personalidade, ou apresentá-la num seu aspecto novo? Pois esta atitude compreensiva curiosa, menos ciosa da sua de você independência intelectual, que de uma mais elevada moralidade cultural, esta sua atitude é que se assemelha, se confunde com a minha. Faça o sacrifício de dar o exemplo comigo mesmo, pra que você perceba qual é a minha atitude para com certas figuras que reputo fortíssimas, e que busco entender e explicar em todas as suas modalidades e caracteres.

E chega, arre. Queria escrever uma carta breve, mas foi impossível,

me escarrapachei na conversa fiada, e ficou esta carta imensa. Mas é que eu carecia me explicar, desculpe. Devo ir pra S. Paulo pelos primeiros dias de outubro, mas irei incógnito, não procurarei ninguém, não irei no Departamento, ficarei na minha casa. Por isso não conte a ninguém que vou. Procure saber pelo Zé Bento quando eu partir daqui, vou mandar esta carta por ele, que não sei a direção de você e assim fica mais seguro e com o Goes, combinaremos um tempinho pra conversar mais longamente.

Ciao com abraço do

Me mande uma direção de você bem certa, onde carta não se perca. Detesto enviar cartas pra redações.

Rio 10-VI-39

Maurício, amigo bom

Você mandou me pedir um artigo sobre Machado de Assis pra *Roteiro*... Como há-de ser!... Minha situação é esta: escrevi por compromisso anterior três artigos sobre o homem pro *Diário de Notícias* e me esgotei. Nem lhe quero contar o martírio que foram pra mim esses três artigos porque, se adoro a obra de Machado de Assis como arte, pouco encontro nela como lição e simplesmente detesto o homem que ele foi. É natural que o deteste porque se há dois seres moral, intelectual, socialmente antagônicos somos ele e eu. Imagine pois os malabarismos intelectuais que fiz pra, sem me trair, dizer tudo isso dentro de uma intenção geral celebrativa e apologética. Não só esgotei as idéias como me sinto esfaldado moralmente, numa espécie de tristeza vaga.

Acontece mais isto: na semana próxima, justamente dia 14 sou obrigado a ir pra af e ficar mais ou menos sem possibilidade de escrever até 18 pelo menos. Cuidar do casamento de uma priminha que adoro como filha, cuidar dos meus dentes, e encaixotar perto da metade da minha biblioteca pra trazer pro Rio. Não posso mais viver sem ela. Como há-de ser! Se ao menos eu tivesse já alguma coisa escrito... olha eu prometo pra você um conto que já tenho na cabeça e me parece bem bonzinho. Assim que voltar, escrevo e lhes mando. Nestes dias é de todo em todo impossível por tudo quanto tenho que fazer. Pôr em dia minha colaboração do *Estado* e mais um artigo encomendado pra *Publicações Médicas* e mais um prefácio pra um livro de técnica musical. Além do que tenho a pôr em dia uma correspondência acumulada de duas semanas e tratar do meu registro profissional, sem o que deixo de ganhar a única coisa de que vivo no momento, jornalismo. Me espere um pouco, faz favor. Não zangue, que amizade verdadeira não zanga nunca e no momento tenho razão.

*Roteiro* está excelente, por certo melhor que *Dom Casmurro*. Parabéns e abraços pros amigos que tenho nele. É pra você um abraço particular do

Mário de Andrade

Ah! me lembrei que tinha este trecho inédito, única passagem de um romance largado, que corriji. A censura portuguesa impediu a saída dele em Portugal! Tente ver se pode sair no Brasil, não vejo nada demais.

Rio 15-IV-40

Maurício, meu caro,

Recebi sua carta uma semana faz e vivo no desespero. Vocês não poderiam esperar mais de um mês ou dois pra eu fazer essa conferência? Ou melhor ainda: eu não quero fazer essa, nem nenhuma conferência mais neste mundo, cada vez tenho mais horror a público diante de mim. Eu proponho trocar essa conferência por uma série equivalente de artigos dados com a maior camaradagem pra *Cultura*, serve? O Rossine Camargo Guarniere me arrancou a promessa dessa conferência, foi tanta a insistência que acabei assumindo. Mas tenho matutado, matutado, não posso fazer não! Não poderia ser inteiramente sincero, teria que ladear verdades, esquecer assuntos dos mais importantes por causa do tempo que atravessamos. É horrível, eu fico numa angústia danada, não sei como fazer, rabisco notas, notas, mas quando chega o momento de principiar escrevendo, esmoreço e vejo que não é possível. E então os últimos acontecimentos, eu com vários amigos presos, acabaram por me destruir. Veja se descobre aí no peito de vocês um pouco de piedade de mim, me desculpem, aceitem a troca da conferência por artigos e me avise. Acredite que será uma clareira neste mato bravo e tempestuoso em que me debato agora.

Pois quer saber? *Quatro Pessoas* paradíssimo. Todos os projetos paradíssimos. Num mal indiscreto, nada secreto me prostrando. Não faço nada. E trabalho, parece que trabalho o dia inteiro!

Lembrança pro pessoal de *Cultura*. Me escreva logo sobre a proposta.

Este seu abraço amigo do

Mário de Andrade.

Recebido em 27/06/90